

ESCRITORAS BAIANAS EM REVISTA

Monalisa Valente Ferreira
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). CNPq
Camila Nascimento Carmo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
(UFRB) Carolina Sena de Meneses Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Resumo: Os estudos referentes às relações de gênero têm procurado reverter o quadro de séculos de dominação e buscam a visibilidade de mulheres em diversas instâncias sociais. A proposta desta comunicação é divulgar resultados parciais de pesquisa no campo dos estudos literários. Intitulada “Mulheres em revista: escritoras baianas nas páginas dos periódicos”, a referida pesquisa procura contribuir com o processo de visibilização, no sentido de rever e questionar tais ausências em nossa história literária com a busca de escritos de mulheres baianas, nos primeiros decênios do século XX, em periódicos de variedades e/ou literários.

Convergem, assim, dois aspectos tratados no projeto: recuperação de fontes dispersas em arquivos públicos e privados e ressignificação de textos produzidos por mulheres baianas em tais fontes. Isto possibilita pensar práticas discursivas de cuidados com nossa documentação e de repensar motivos de produções de um Estado – e, especificamente, de escritoras – ficarem à margem e serem acobertadas pelas poeiras dos arquivos.

Escritoras baianas, como Rafaelina Chiacchio e Seleneh Carneiro participaram de elaboração poética, mudaram comportamento e foram ativas. A necessidade de recuperar essas vozes e dar significado a uma memória subterrânea a fim de preencher as lacunas que ainda persistem nos estudos sobre mulheres é possível mediante o mapeamento, catalogação e análise de escritos em periódicos. Assim, com esse propósito de ressignificar os documentos encontrados, poderemos tirar do “*slaughterhouse of literature*”, a produção feminina elaborada nos primeiros momentos modernistas e, com isso, refletir sobre os desdobramentos de sua estética e sobre os discursos criados para manter escritoras afastadas de determinadas esferas consideradas práticas do universo masculino.

Ao mesmo tempo em que discursos que podemos considerar cerceadores da participação das mulheres no universo da escrita apareciam nas revistas, produções literárias sobre (e da mesma) eram concomitantemente publicadas, mostrando que elas tomavam espaço independente do meio adverso e limitador. Esta comunicação visa apresentar como, em uma revista com circulação por várias anos no Estado da Bahia, as mulheres foram partícipes de um movimento literário, embora incipiente em termos de produção literária, mas relevantes para abrir brechas naquela sociedade ainda conservadora.

A revista *A Luva* (1925-32), assim como outros periódicos publicados àquela época, é um exemplo, portanto, de ambos os propósitos: serviu, muitas vezes, como forma de trazer ao público um modelo de comportamento feminino burguês em textos

de autoria masculina, bem como inseria as novas perspectivas referentes a mulheres das décadas de 1920 e 1930, com a divulgação de poemas e cartas esteticamente literárias de escritoras baianas e de outros Estados. A produção de poemas, diário e contos de mulheres em revista passou a vigorar com mais força no século XIX, no Brasil. O discurso que empunhava, salvo raras exceções, era moderado, cuidadoso, abrindo as barreiras aos poucos.

Trazer a lume aqueles embates e a tentativa de recuperar a produção de escritoras baianas, à época do modernismo, em periódicos, constituem a linha diretriz do estudo, com vistas a ressignificar a memória cultural e suprir um espaço lacunar da História Literária Brasileira, referente tanto ao modernismo em um Estado fora do eixo Rio-São Paulo-Minas, quanto aos textos produzidos por mulheres na época áurea do movimento, mais especificamente, escritoras baianas.

Com 132 números publicados ininterruptamente, ilustrados e de variedades, a revista *A Luva* serve como o pincel a apontar a Bahia da década de 1920 para os estudiosos contemporâneos. Mesmo caracterizada como revista de registro geral de acontecimentos da sociedade baiana, a publicação por oito longos anos de uma gama de textos de criação e de discussão teórica possibilitaria o entendimento e acompanhamento, no cenário baiano, do processo literário da região naquela época. Momento de crescente alteração sobre o Modernismo e dos caminhos de consolidação deste movimento em algumas outras partes do país. Na revista, em seu longo tempo de existência, diversas mulheres publicaram poemas, cartas, diários, contos. Roupas femininas com ilustrações da última moda em Paris também foram ali contempladas e dedicadas às moças da alta sociedade. A permanência de uma importação de valores e costumes era vista em outros aspectos da vida social baiana porque “a via principal de transmissão do valor do progresso foi sempre, entre nós, a da imitação dos padrões de consumo e dos estilos de vida reinantes nos países desenvolvidos”¹. Imitação esta que recebe da filha do conde Afonso Celso, Maria Eugênia Celso, críticas severas. Em *A Luva*, a analista pontua, por exemplo, que deveriam ser privilegiadas as características físicas da mulher brasileira para a escolha da maquiagem e roupas, bem como a adequação ao ambiente.

Se há registros de comportamento e valores da classe alta, pode-se também notar, na revista em estudo, a universalização do consumo, e não poderia, portanto, para sua sobrevivência, ficar restrita àquela classe

Se “as fontes primárias revelam o desenvolvimento do Modernismo num jogo dialético de renovação e tradição, cujo movimento só pode ser captado pela análise minuciosa dos acontecimentos de toda uma época”², este jogo não seria privilégio de um grupo, de um Estado, de uma revista. São Paulo, pela sua condição de preponderância econômica, com o processo de desenvolvimento industrial, incidindo nele os ecos do capitalismo, já passara por aquela fase pendular, ao contrário do que ocorria na Bahia. Nesta, tanto o desprestígio político e econômico, com a crise açucareira e a migração dos olhares para o sudeste do país, bem como uma industrialização estagnada, contribuíam para que ali a literatura estivesse mais diluída, marcada por um período de transição. Esta abordagem de fundo econômico, somada a

¹ João Manuel Cardoso de MELLO; Fernando NOVAIS, *Capitalismo tardio e sociabilidade brasileira*, 1998, p. 604.

² Maria Lúcia GUELFÍ. *Novíssima: estética e ideologia na década de 20*. São Paulo: IEB-USP, 1987, p.16.

Através dos estudos desta autora e de Neusa Caccesi, pode-se perceber que os grupos das revistas *Festa* e *Novíssima*, salvaguardando suas diferenças, prezavam as inovações estéticas e temáticas, mas não defendiam

uma atitude de demolição das tradições, como o grupo iniciador do movimento Modernista.

outras, são importantes para se compreender a situação peculiar em que se encontrava a arte baiana naquele momento.

A busca de explicações menos simplistas e mais plausíveis sobre o estudo da produção literária baiana, exime-nos de generalizações que trazem por baixo da luva digitais preconceituosas, tais como “*literatura de cafuné, dócil, sonolenta, doméstica*”.⁴ Analisar as manifestações artísticas sem estarmos pautado na história social e econômica pela qual passou o Estado incorreria neste erro. As recorrentes análises de que, neste pedaço de terra, o conservadorismo reinante com a presença ainda de um culto a Castro Alves e Ruy Barbosa, era marca indelével daquela estrutura social, revelam um fechar de olhos ao que Karl Marx chama “*sinais dos tempos*” que “*não significam a ocorrência de milagres amanhã. Mostram como as classes dominantes já começam a pressentir que a sociedade atual não é um ser petrificado, mas um organismo capaz de mudar, constantemente submetido a processo de transformação*”.⁵

Assim, não seguir os mesmos rumos ditados pelos modernistas do sudeste significava paralisia naquele Estado? Caracterizar este espaço como um marasmo nas letras e justificá-lo pela sua fidelidade às tradições, mas aberta, sem alvoroço, a mudanças, é considerar apenas a presença de um grupo, cujos membros faziam parte de famílias conhecidas e ricas da sociedade baiana, com preocupações óbvias de manter os seus brasões bem dourados. São destas famílias que saem as escrituras femininas, as mulheres de elite, mas que mesmo nesta classe sofriam as agruras do cerceamento ou discursos que reforçam a condição de vida doméstica, privada, sem esforços intelectivos.

Com estudo das fontes primárias podemos discutir as formas de penetração daquelas escritoras nos espaços públicos, as propagandas destinadas a elas e veiculadas nas páginas dos periódicos, bem como as tentativas de apagamento das marcas femininas no que concerne, entre outros aspectos, a sua escritura peculiar. O controle dos seus corpos era avalizado pelas autoridades médicas e as recomendações de remédios eram apropriadas pelas propagandas.

Se “a nossa crítica não poderá se dar ao luxo europeu da interpretação pura enquanto nossa documentação estiver arqueologicamente sepultada” (LOPEZ, 1972), o quê dizer então das tentativas de apagamento de obras realizadas por mulheres, muitas daquelas adormecidas na documentação carcomida pelas traças e pelo descaso, em arquivos públicos e privados? Alceu Amoroso Lima adverte sobre a necessidade de o crítico ser sincero face ao documento e ao seu autor, com o propósito de livrar a obra de obscuridades. Tal sinceridade exigirá ainda do crítico a segunda atitude, a coragem:

“não temer o desagrado nem do autor nem do público, mas temer a sua própria consciência”. Mas, infelizmente, por críticos não terem as duas atitudes, obras ficam confinadas e impedem o entendimento mais amplo de uma história, de uma cultura, de uma arte literária.

A tarefa de escavar as fontes, adormecidas por motivos vários, é árdua, mas compensa o esforço por permitir configurar uma época e trazer novas significações para a nossa memória literária e cultural. Quando se refere à produção de autoria feminina, o esforço duplica, pelos discursos recorrentes que texto não tem sexo nem voz, mas se

³ Cf. Antônio RISÉRIO. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 1995, p.27: “Modernismo e concretismo chegaram a regiões brasileiras tecnologicamente mais defasadas do que a Bahia, como o Ceará, por exemplo”.

⁴ Cf. João Carlos Teixeira GOMES. Presença do Modernismo na Bahia. In: *Camões Contestador e outros ensaios*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979, p.165-98.

⁵ Cf. Karl MARX. *O Capital: crítica da economia política*. 13. ed. Reginaldo Sant’ana (trad.). Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, livro 1, vol. I, p. 7.

não os têm, por que a história literária recheia seu cânone com obras de escritores? Por que, na prática das escavações das obras, nas memórias do subsolo, elegem-se a recuperação daquelas de autoria masculina, permanecendo interdita a produção de mulheres àquela época?

A compreensão destes desdobramentos possibilita criar mecanismos de pensar a posição da mulher hoje e continuar na busca de fatores que impeçam a manutenção de práticas inibidoras do *estar* mulher hoje no Brasil, independente da instância profissional em que se encontre. Assim, com um trabalho de busca de textos de autoria feminina em periódicos dispersos em arquivos públicos e privados, a proposta de recuperar textos de escritoras baianas no início da década de XX indica o duplo sentido do termo “revista”: ora como materialidade do objeto em que os textos ainda jazem, ora como a *revista* da movimentação das mulheres em uma época na qual, embora o acesso ao campo literário fosse muitas vezes tolhido, ali elas marcaram posições, derrubaram trincheiras.

“Positivamente, a mulher foi feita para justificar a atenção do homem fazendo-se-lhe objeto direto e indireto, na gramática da vida, que mais fértil que a outra, muitos outros objetos apresenta”. (SOUZA, *A Luva*, 18 de set. 1928, n. 81). Frases como a deste colaborador da revista baiana *A Luva* (1925-32) e que indicam mulheres como objeto de contemplação, feitas exclusivamente para os homens são recorrentes em periódicos literários ou mundanos. A educação da mulher, voltada para os cuidados do lar, do esposo e dos filhos aparece como marco de sua valorização e os colaboradores de periódicos do início do século XX propalavam o discurso da sensibilidade feminina em detrimento de sua inteligência intelectual: “O exercício da escrita era complicado por alguns fatores. Um deles era o fato de que , a grande número de mulheres, no século XIX, era negada a educação superior ou mesmo qualquer educação, a não ser a das prendas domésticas” (ALMEIDA, 2006, p. 20).

Na Bahia das primeiras décadas do século XX, a presença das mulheres nas ruas da cidade, com seus cabelos curtos e uma nova maneira de vestir, “*que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário*”,⁶ provocou discussões em uma sociedade que parecia ainda estar surpresa com as rápidas mudanças, fossem estas no setor urbano, fosse no plano dos comportamentos, embora houvesse certo equilíbrio em termos de linguagem em uma época de ruptura artística típica do modernismo. Isto porque uma mulher que falasse “agressivamente ou afirmativamente, o que nos homens era sinal de personalidade, era considerada mal-educada, tresloucada e até histérica” (TELLES, 1997, p. 423)

Ao mesmo tempo em que se publicam textos críticos sobre o novo comportamento feminino, representado pelos cabelos à *la garçonne* e saias mais curtas, os redatores valerem-se de capas que ressaltavam a inabilidade feminina em dirigir automóveis e o sofrimento do homem com inversões de papéis como, por exemplo, o marido cuidar do filho enquanto a mulher palestra para um público feminista.⁷

A Luva surpreendentemente também noticiava o congresso feminista, com a presença de Bertha Lutz, publicava trechos de discursos favoráveis ao divórcio e ao

⁶ Cf. Marina MALUF; Maria Lúcia MOTT. In: NOVAIS, Fernando Antônio. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3, p. 368: “As mudanças no comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família” [...]. Dada a ênfase com que os contemporâneos interpretaram tais

mudanças, parecia ter soado um alarme.”

⁷ A Luva, n. 126, 09 de jul. 1931.

amor livre e⁸ discussões sobre o voto feminino. Daí se depreende a instabilidade, a indefinição da revista também quanto a estes aspectos. Um colaborador assíduo, por exemplo, a propósito das discussões em torno da entrada da mulher na Academia de Letras, revela em discurso irônico, este aspecto pendular: “*De Eva as filhas no recinto, / - Diz o relato sucinto-, / A ACADEMIA não quer. / Inda se fosse nas tretas... / Mas... nas letras, / Mas... nas letras, / Ter medo assim da MULHER?!...*”⁹

A *Luva* revela como a mulher baiana estava penetrando no mundo das letras e a transição da sociedade refletia-se em suas páginas: “o ato da escrita e a estruturação da identidade da mulher ocorriam praticamente ao mesmo tempo” (ALMEIDA, 2006, p. 19). É o momento de descoberta de si mesma. Portanto, ao mesmo tempo em que trechos considerados cerceadores da participação dessa mulher, no universo da escrita, apareciam na revista, produções literárias sobre (e da mesma) eram também publicadas.

Esta luva que não é de pelica nem de camurça e nem tão pouco para as mãos esguias das mulheres, mas, especialmente para o espírito dedicado dessas encantadoras figurinhas de nervos e de trejeitos graciosas que são as mulheres... (Juvêncio Menezes, A Luva , n. 1, 15/03/25)

Como poetisas, usam um mimetismo condenável, deixando-se levar, mais pela toada voluptuosa do verso, do que, mesmo, pelos processos racionais e teóricos.

Como declamadoras ou oradoras, elas exercem um papel interessante: materializam a estrofe e o discurso, humanizando-lhes os contornos imprimindo-lhe um cunho novo e original.

(Benedito Cardoso, AL, nº 77, 17/07/28)

A participação feminina nas páginas de *A Luva* oscilava entre a própria prática como escritora à leitora de textos ali publicados, muitos destes imbuídos de representações de papéis estabelecidos, situando-a geralmente no âmbito da esfera privada. O pêndulo, entretanto, pendia mais para este último lado, uma vez que “*a imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa*”.¹⁰

Apesar de não ser designada claramente como revista feminina, *A Luva* e os seus anunciantes não deixam de visar a este público, tal qual já apontamos. Em 15 de julho

⁸ Cf. *Bahia de Todos os fatos: cenas da vida republicana (1889-1991)*, p. 110, “é realizado em Andaraí, na Bahia, o primeiro casamento sob o regime do “amor livre” no Brasil, celebrado pelo anarquista José Oiticica e, ao invés de registro civil, uma ata de cerimônia.” Neste livro, além da citação da ata, também é escrito o pronunciamento de José Oiticica após a cerimônia: “*Façam o que quiserem as polícias de todas as nações, mas o ideal comunista de liberdade não morrerá mais, porque já penetrou na consciência dos humildes. Naquela união livre, sem padre, nem representante do Estado, havia mais moralidade que nos casamentos suntuosos, arranjados por interesses, para negócios e para adquirir posições.*”

⁹ Gelásio FARIAS (Gelfar). A Academia de Letras continua inacessível ao belo sexo. *A Luva*, n. 109, 20 de abr. 1930.

¹⁰ Cf. Marina MALUF e Maria Lúcia MOTT. In: NOVAIS, Fernando Antônio. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3, p.374: “*Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher*”

– e a sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser”.

de 1928, número 77, é publicado um texto “Sobre a mulher”, de Francisco Hermano, em que delinea as figuras femininas ora como algo diabólico, ora com “*inteligência rudimentaríssima, quase nula. Elas jamais criam. Sua sabedoria não passa da epiderme*”. O caráter misógino que perpassa o texto traz à tona a prática escrita valorizada como campo masculino. Segundo o autor, as mulheres, como escritoras, “*nunca vão além da intuição da frase. Como poetisas, usam um mimetismo condenável, deixando-se levar mais pela toada voluptuosa do verso, do que, mesmo, pelos processos racionais e teóricos*”.

Conquanto fosse constante a ocorrência de discursos cerceadores e de fotografias tiradas de mulheres, com chistes sobre as mesmas, desfilando pelas calçadas da rua Chile – ponto elegante da cidade e de encontro dos intelectuais que se reuniam para discutir literatura em mesas dos bares ou livrarias¹¹, – também havia uma seção dedicada a publicações femininas. Para Almeida (2006, p. 19), “A escritora via nesses cadernos caseiros, além de simples anotações, esboços de ideias e opiniões. No ato em si de escrever, marcos dessa investida feminina e a possibilidade de se colocar no mundo, deixando-se à posteridade”.

De periodicidade irregular e ora denominada “Página Feminina”, ou intitulada “Cartas de Mulher”, este espaço era uma oportunidade para as mesmas treinarem o seu veio literário, percebido pelo teor e estilo dos seus textos: “*Não já ouviste, a hora crepuscular, quando o sol desaparecendo no ocaso de nuvens multicolors, semelhantes a um policromo de efeitos mágicos, a brisa murmurar-te aos ouvidos alguns queixumes?*”.¹² Assim, a pretexto de escrever para uma amiga ou namorado, as mulheres questionavam a sua condição social, os cerceamentos e constrangimentos sofridos; não eram cartas pedindo conselhos e sim, uma forma de expressarem as suas angústias e alegrias. No trecho de uma destas cartas, assinada por uma Maria Esther e destinada a “Minha amiga”, publicada em *A Luva*, número 4, há indícios de como uma moça estudiosa, de família abastada, vivia na década de 1920:

[...] Um livro de Balzac, de capa amarela, com as páginas soltas, sujas pelos dedos das pessoas que o têm lido emprestado, é o meu único companheiro na solidão inquieta da minha atual vida./ [...] Não sei porque razão hoje eu peguei na pena, armando-me literata, para dar meu parecer sobre uma coisa que te direi já.. [...]/ Sou moça de dezoito anos, sei bordar, tocar inúmeros trechos de música ao piano, desde Chopin a Wagner, sei tão bem o francês como qualquer dama de Paris, mas tenho o desgosto horrível de não saber amar.[...]/ Tenho às vezes a convicção de ser uma mulher superior, uma igual a essa que Balzac criou para ser amante de um poeta libertino como Lousteau. Quero crer que uma mulher como eu me julgo ser superior [...], deve antes dar um pontapé na sociedade que a oprime e nada lhe dá, tudo lhe tira, tudo lhe exige e lhe obriga a

¹¹ Pode-se fazer um paralelo com a referência de Antônio Dimas, em *Tempos eufóricos...*, 1983, p.10, sobre a rua do Ouvidor. Cf. o autor: “Numa sociedade em que a maioria dos escritores disputava, com vaidosa humildade, as calçadas da rua do Ouvidor e as mesas estratégicas do Pascoal/Colombo para serem “vistos”, é natural que *Kosmos* fosse feita mais para os olhos do que para o cérebro. Fosse pensada e montada como extensão das mesas boêmias que se debatiam, nessa primeira década do século, entre as solicitações cotidianas do mecanismo burguês e a vida intelectual mais ou menos dissipada, cujo apogeu ocorrera nas décadas anteriores”

¹² *A Luva*, n. 36, 15 de set. 1926.

certas coisas indecentes. Superior porque não me ocupo com banalidades. Leio, estudo e escrevo quando quero.[...] Não sou igual a muitas mocinhas que lêem apenas os programas e as notícias de futebol.

Esta mesma remetente, dois números depois, envia outra carta, defendendo ainda ser uma mulher superior e penetra nas discussões sobre o feminismo, tema que recebe atenção nas páginas do periódico ao longo de sua existência. Maria Esther afirma:

“adepta não sou ao feminismo extremado, pintado a cores como em cartazes de cinemas da Baixinha. Mas, o feminismo se faz mister, sem masculinizá-lo, ao ponto de nós mulheres, usarmos penteados masculinos, nem imitarmos às camisas dos homens”.

Além desses elementos acima expostos, a mulher, fosse através de muitos textos de autoria masculina ou de propagandas, recebia, na revista, “receituários” de como agir, se comportar, cuidar de si e da família. A imprensa destinada ao público feminino geralmente mostra especialistas que dizem como este deve agir, quer seja em comportamento, quer seja referente à sua saúde, a melhor maneira de tratar o filho ou o melhor leite para a criança. Dulcília Buitoni¹³ explicita mais esta maneira de induzir a leitora a acatar tais propagandas:

Dá-se a palavra ao especialista para que ele diga qual a maneira certa de amamentar o bebê; não se entrevistam mães para que transmitam sua experiência. A utilização da ciência que as revistas femininas fazem freqüentemente traduz um discurso autoritário. A pretexto de informar, mostra-se que a mulher não sabe.

A *Luva* não foge à regra em relação a estes cerceamentos e que transparece muitas vezes na modalidade de textos propagandísticos. Em seu número 19, a revista estampa um anúncio da Fábrica de Linho Belga, cujo texto apresenta o comportamento ideal da mulher, onde esta sofre restrições de todos os tipos em prol do bem-estar da família:¹⁴ **‘Conselhos à mulher casada.** É a mulher quem deve desempenhar o sacerdócio no templo conjugal. /Nunca negar-se <sic> a sair com o seu marido quando este lhe peça. /Mostrar-se discreta e afável com as suas amigas; mais vale que seja vista com elas em sua casa que nos clubes ou nas corridas de cavalos. [...] Convencê-lo de que a título de economia e a bem de seus interesses deverá preferir sempre o legítimo e garantido LINHO PURO “BELGA”,/ Produtos dos grandes Estabelecimentos Geo F. Devos Courtrai.

Aguiar e João do Minho também apresenta conselhos, na tentativa de mostrar o que é melhor para a mulher: *“Vocências minhas senhoras,/ seriam, segundo eu penso,/muito mais encantadoras/se aproveitassem as horas/em coisas que tenham senso.”* Isto talvez tenha sido um modo de provocar a participação. Simulada ou não, a revista apresenta no número 26, em 1926 a provável reação de uma leitora, em que se subentende a leitura e penetração deste meio no público feminino: *“Senhores redatores,/achava melhor que se metessem com a sua vida e nos deixassem em paz”.*

¹³ Lucília BUITONI. *Imprensa feminina*, São Paulo: Ática, 1986, p. 76.

¹⁴ *A Luva*, n. 19, 15 de dez. 1925.

Estes registros tanto são elementos representativos de um momento histórico, com seus valores e comportamentos quanto documentam a participação da mulher, baiana ou não, na literatura. Algumas destas, como veremos no desenvolvimento da presente pesquisa, produziram com algumas inovações estéticas e/ou temáticas. Publicavam-se textos com destaque à natureza exuberante, à mãe, bem como à religiosidade, ao amor e à saudade. Porém, algumas temáticas dos textos refletiam símbolos como artifícios poéticos para representar a condição feminina e/ou penetrar na atmosfera moderna do cotidiano.

As revistas, femininas ou não, passaram a configurar, nos primeiros decênios do século XX, esta nova atmosfera urbana e, com ela, os novos modelos e valores sociais. A presença da mulher como colaboradora em revistas seja em sessões de cartas ou não, dão a revista um caráter peculiar na manutenção das relações e inaugura-se um espaço para aquelas que desejam se inserir nas atividades literárias. A produção de poemas, diário e contos de mulheres em revista passou a vigorar com mais força no século XIX, no Brasil. O discurso que empunhava, salvo raras exceções, era moderado, cuidadoso, abrindo as barreiras aos poucos.

Para muitas, o exercício da escrita tornava-se mais laboroso pela ausência de uma formação para além dos cuidados com o lar, entretanto, podemos encontrar através dos interditos e linguagens simbólicas, presentes em diários e anotações particulares, tentativas de ruptura que evidenciam a existência de escritoras, como Anna Ribeiro Bittencourt que fez o uso de estratégias para suas publicações, através do livro de memórias: “Longos Serões no Campo”, destinado apenas ao conhecimento da família, escrito após a morte do marido, onde Anna Ribeiro narra episódios que retratam a vida das mulheres que viviam nas fazendas do Recôncavo da Bahia. “A escritora via nesses cadernos caseiros, além de simples anotações, esboços de ideias e opiniões. No ato em si de escrever, marcos dessa investida feminina e a possibilidade de se colocar no mundo, deixando-se à posteridade”. (ALMEIDA, 2006, p. 19).

A partir da compreensão de que para ser criadora a mulher deveria “matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho” e fazer-se escritora, “enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência”.

Entretanto, os mesmos periódicos são reveladores de que a veiculação de textos de autoria feminina alcançava espaço e força, como para Rafaelina Chiacchio, o fato de ser ainda muito jovem e filha do considerado mentor do modernismo baiano e colaborador assíduo de *A Luva* fez com que seus escritos fossem publicados em algumas edições da revista. Isto com uma breve apresentação da Rafaelina Chiacchio como uma jovem moça possuidora de uma escrita graciosa e leve “como uma libélula a esvoaçar entre jasmíns”. Apresentação esta recorrente em textos de autoria feminina.

Assim, se existe literatura feminina, se muita crítica se debruça sobre a questão, ponderamos sobre a sua representatividade: “Enquanto a pergunta for aceita, a dúvida estará sendo aceita com ela. E a nossa literatura, a literatura das mulheres, estará suspensa, no limbo, num espaço intermediário entre o paraíso da plena literatura e o inferno da não-escrita”. (COLASANTI, 1997, p. 37). E é ainda na tentativa de se desvencilhar desta não-escrita que até hoje nos debruçamos e questionamos nestes seminários.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- A LUVA. 1925-1932. Quinzenário de variedades. Salvador-Bahia
- ALVES, Ívia; COSTA, Ana Alice Alcântara. (org.) **Ritos, mitos e fatos: mulher, gênero na Bahia**. Salvador: FFCH/UFBA, 1997, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), coleção Bahianas.
- BUITONI, Dulcília H. Schoeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.
- COLASANTI, Marina. “Por que nos perguntam se existimos.” In: SHARPE, Peggy. (Org.). **Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. **As donas no poder: mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA, Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.
- GOMES, João Carlos Teixeira. **Camões Contestador e outros ensaios**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979, p.165-261.
- HABERT, Angellucia Bernardes. **A Bahia de outr’ora, agora: leitura de uma revista de cinema da década de 20**. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação.) São Paulo: USP, ECA, 1993.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade: ramais e caminhos**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- SANTANA, Valdomiro. **Literatura Baiana (1920 – 1980)**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.
- TELLES, Lygia Fagundes. “A mulher escritora e feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy. (Org.). **Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.